

Cirurgia bariátrica com menos efeito colateral

02/10/2009
A Gazeta - ES

Um estudo realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) apontou vantagens de uma técnica de cirurgia bariátrica ainda pouco usada no país, mas que pode ser a solução com menos complicações para muitos obesos mórbidos.

Chamada de gastrectomia vertical, a técnica já é usada no Estado há cerca de cinco anos, mas, por ser nova, é indicada apenas para casos em que os pacientes são muito obesos ou possuem doenças prévias, como inflamações intestinais ou cirrose hepática, o que corresponde a um percentual de menos de 10% das indicações para cirurgia de redução de estômago.

O estudo apontou, no entanto, que essa técnica pode trazer os mesmos benefícios para o paciente em relação à perda de peso e de índice de gordura no corpo, sem alterar de forma radical o processo digestivo.

Isso acontece porque a parte do estômago que é grampeada mantém as ligações do órgão com o esôfago e o duodeno e evita a redução na absorção de nutrientes, o que acontece com a técnica cirúrgica usada na maioria dos casos, chamada Gastroplastia Vertical com derivação gástrica, também conhecida como Cirurgia Fobbi-Capella.

"Ela apresenta menos efeitos colaterais e evita, por exemplo a desnutrição e a carência de vitaminas", explica o médico Gustavo Peixoto, autor do estudo e professor do Departamento de Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas (Hucam).

Apesar de possuir restrições - a técnica mais nova não acarreta a mesma redução de colesterol e triglicérides que a técnica mais comum - a gastrectomia vertical pode representar uma saída para um número maior de pessoas, segundo o estudo, inclusive para as que, além da necessidade de perder peso, também sofrem com o diabetes.

Por ter comparado e acompanhado durante mais de um ano 65 mulheres obesas que foram submetidas a essa técnica, o estudo foi selecionado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) para concorrer ao Prêmio Péter Murányi, que escolhe neste ano os melhores trabalhos na área de saúde que melhorem a qualidade de vida de populações de países em desenvolvimento.

No Estado

1.200 pacientes é a quantidade de pessoas que fazem cirurgia bariátrica, por ano, no Estado, entre pacientes do SUS e convênios.